CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

http://doi.org/10.68044/3qsbh936

Rivaldo Pereira da Costa [1]

Especialista em Docência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela UNITENSE e graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

RESUMO: Este artigo apresenta os fundamentos da Linguística Cognitiva, destacando conceitos e pressupostos que orientam a compreensão da linguagem como parte integrada da cognição humana. A discussão, de caráter teórico bibliográfico, examina a emergência do paradigma cognitivista, a crítica à autonomia da linguagem, a centralidade do significado, a conceptualização, a categorização, a prototipicidade, o conhecimento enciclopédico, a corporificação, os frames, os espaços mentais, a metáfora, a metonímia e os esquemas imagéticos. Com base em estudos brasileiros da área, evidencia-se que estruturas linguísticas são motivadas por experiências corporais, socioculturais, perceptivas e interacionais, e não por um sistema formal isolado. Também se discutem aplicações desses princípios à modalidade visual espacial das línguas de sinais, especialmente à Libras, ressaltando iconicidade e experiência corporal. Conclui-se que a Linguística Cognitiva constitui um campo plural, interdisciplinar e baseado no uso, capaz de articular linguagem, pensamento, corpo, cultura e construção de sentidos em contextos discursivos diversos e dinâmicos.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Cognição; Conceptualização; Categorização.

INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva consolidou-se como um campo de investigação que procura compreender a linguagem em relação direta com os processos gerais da cognição, com a experiência corporal e com as práticas socioculturais nas quais os sujeitos produzem e interpretam sentidos. Em lugar de considerar o sistema linguístico como domínio autônomo, fechado e explicável apenas por regras formais, essa perspectiva privilegia a relação entre forma, significado, conhecimento de mundo, percepção, memória, atenção, categorização e experiência. Tal deslocamento epistemológico amplia o objeto da análise linguística, pois fenômenos antes tratados como periféricos - entre eles polissemia, metáfora, metonímia, idiomaticidade, ambiguidade e efeitos de prototipicidade - passam a oferecer evidências relevantes sobre o modo como a linguagem se organiza e participa da construção do conhecimento. Gerhardt (2003, p. 21-22) observa que esse reposicionamento está associado à investigação de processos cognitivos subjacentes à produção e à interpretação dos significados e da gramática, bem como ao diálogo da Linguística com outras áreas dedicadas ao estudo da mente.

A constituição desse domínio não corresponde à formulação de uma única teoria homogênea. Trata-se de um conjunto de perspectivas articuladas por compromissos compartilhados e por instrumentos analíticos que convergem em torno de alguns princípios: a

centralidade do significado, a não autonomia da linguagem, a motivação conceptual da gramática, a natureza enciclopédica do conhecimento semântico, a relevância da experiência e a atuação de capacidades cognitivas gerais na estruturação das línguas. Krebs e Laipelt (2018, p. 83) situam a Linguística Cognitiva como paradigma desenvolvido a partir dos anos 1980 e voltado, especialmente, à construção do significado, enquanto Chishman (2016, p. 549-550) destaca que sua emergência implicou uma ruptura com abordagens formais que atribuíam tratamento periférico ao sentido e ao uso. Assim, estudar seus fundamentos exige considerar tanto a trajetória histórico-teórica do campo quanto as categorias analíticas por ele mobilizadas.

A corporeidade acrescenta uma dimensão fundamental a esse quadro. A cognição não é concebida como processamento abstrato desligado do corpo e da realidade sociocultural; ela é situada, corporificada e constituída em interação. Feltes (2020, p. 386-388) discute a passagem de uma compreensão estritamente corpórea do grounding para uma concepção mais ampla, na qual a ancoragem do significado envolve corpo, ambiente, situações e participação comunitária. Vereza (2016, p. 561-564), por sua vez, enfatiza que experiências sensório-motoras e socioculturais participam da formação de frames, modelos cognitivos e metáforas conceptuais. Essa integração evita reduzir a cognição ao cérebro isolado ou a um

sujeito abstrato, reconhecendo que os processos de significação se desenvolvem na relação entre organismo, ambiente, história e cultura.

Frames, espaços mentais, metáforas, metonímias e esquemas imagéticos integram o repertório conceitual desenvolvido para descrever tais processos. A Semântica de Frames, em particular, relaciona a compreensão lexical a estruturas organizadas de conhecimento e experiência. Chishman (2016, p. 550-551) explica que as palavras são interpretadas em relação a planos de fundo de conhecimento ligados à maneira como os sujeitos percebem e experienciam o mundo. Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 9-12) ampliam essa discussão ao mostrar que o enquadramento de uma situação envolve perspectiva, conhecimento cultural e relações entre estruturas conceptuais. Os espaços mentais, por sua vez, permitem considerar a construção dinâmica de representações durante o discurso, enquanto metáforas e metonímias evidenciam mecanismos de projeção e associação que estruturam tanto a linguagem quanto o pensamento (Scapolan; Leite, 2025, p. 165-167).

Esses fundamentos também se mostram produtivos para a investigação das línguas de sinais. A modalidade visual-espacial torna particularmente evidente a articulação entre corpo, percepção, iconicidade, espacialidade e conceptualização. Carneiro (2016, p. 120) compreende a língua como sistema simbólico vinculado a processos cognitivos gerais e à experiência corporal, destacando que as línguas

de sinais explicitam essa relação por sua natureza manual-corporal-espacial. Nunes (2019, p. 29) demonstra que sinais da Libras podem apresentar motivações metafóricas baseadas em esquemas imagéticos, enquanto Costa (2023, p. 88-90) discute a influência da iconicidade na constituição de configurações de mãos. A presença dessas pesquisas no presente estudo não tem o objetivo de reduzir a Linguística Cognitiva à análise da Libras, mas de mostrar a capacidade explicativa de seus pressupostos em modalidades linguísticas diversas.

Diante desse quadro, este artigo tem como objetivo discutir os principais fundamentos, conceitos e pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, organizando-os em um percurso que parte de sua orientação epistemológica e alcança questões relativas à não modularidade, corporeidade, categorização, conhecimento enciclopédico, frames, espaços mentais, metáfora, metonímia, esquemas imagéticos e iconicidade. O texto assume caráter teórico-bibliográfico e utiliza como base estudos que sistematizam, discutem ou aplicam esses conceitos no contexto da pesquisa linguística brasileira. A exposição procura evidenciar as relações entre os conceitos, evitando tratá-los como categorias isoladas. Ao final, sustenta-se que a contribuição central da Linguística Cognitiva reside justamente em articular linguagem, pensamento, corpo, cultura e uso, oferecendo instrumentos para compreender a significação como atividade dinâmica, situada e perspectivada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Constituição do campo e orientação epistemológica

A emergência da Linguística Cognitiva deve ser compreendida no contexto das transformações ocorridas nos estudos da linguagem durante a segunda metade do século XX. Seu desenvolvimento está ligado à insatisfação com modelos que privilegiavam a descrição formal e atribuíam à sintaxe um estatuto de autonomia em relação ao significado, ao uso e ao conhecimento de mundo. Chishman (2016, p. 549-550) situa a área no final da década de 1970 e início da década de 1980 e assinala que sua constituição envolve a recusa de aspectos centrais das abordagens formais então predominantes. De modo semelhante, Krebs e Laipelt (2018, p. 83) caracterizam-na como um paradigma que reúne diferentes teorias em torno de hipóteses compartilhadas, especialmente aquelas relacionadas à construção do significado e às relações entre forma e conteúdo conceptual.

Essa origem explica por que a Linguística Cognitiva não se organiza como teoria unitária com um único aparato descritivo. Gerhardt (2003, p. 21-22) chama atenção para seu caráter complexo e interdisciplinar, formado por conceitos provenientes tanto da investigação linguística quanto de áreas como Psicologia Cognitiva, Filosofia, Antropologia e estudos da cognição. Em vez de fragilizar o campo, tal pluralidade favorece a análise de fenômenos que exigem a articulação de níveis distintos. A linguagem é concebida como pista

para processos de significação mais amplos; por essa razão, o léxico, a gramática, as escolhas discursivas e as formas de perspectivação podem ser examinados em relação a processos cognitivos e pragmáticos que participam da produção do sentido.

> Mas as diferenças não se limitam a esse novo olhar. Há, ainda, um outro dado fundamental, caracterizador da Lingüística Cognitiva como teoria não-formalista de investigação da linguagem, que é o tratamento da forma lingüística como meio de acesso ao significado, interagindo com variados processos cognitivos, em contraposição à idéia dos elementos lingüísticos como responsáveis por toda a elaboração representativa de conceitos, fatos etc. que se queira transmitir ou construir via linguagem. Ao pressupor a importância daqueles processos, e o léxico e a gramática como sua manifestação e gatilho, a Lingüística Cognitiva faz emergirem e se associarem aspectos relacionados à mente humana e seu funcionamento (Gerhardt, 2003, p. 21).

A passagem acima evidencia um ponto metodológico relevante: a forma linguística não deixa de ser objeto da Linguística Cognitiva, mas passa a ser interpretada como via de acesso a operações de conceptualização. A análise não consiste em abandonar estrutura, fonologia, morfologia ou sintaxe; consiste em compreendê-las como dimensões relacionadas ao sentido e à experiência. A consequência é a aproximação entre níveis tradicionalmente separados. Chishman (2016, p. 550) enumera, entre os aspectos centrais do campo, a prioridade das estruturas conceptuais, a motivação semântica da

gramática, a diluição de dicotomias, o compromisso experiencialista e a concepção enciclopédica do significado. Esses elementos formam uma orientação epistemológica na qual a explicação de uma estrutura linguística requer perguntar não apenas como ela se combina formalmente, mas também que experiências, categorias, enquadramentos e perspectivas a motivam.

Outro desdobramento é a rejeição de uma oposição rígida entre sentido literal e sentido figurado. Metáfora e metonímia deixam de ocupar apenas o domínio da ornamentação retórica e passam a ser consideradas mecanismos de estruturação conceptual. Gerhardt (2003, p. 23-25) destaca que a ampliação do estatuto da metáfora permitiu investigar relações entre domínios de experiência e compreender processos de expansão do significado. Costa (2021, p. 65-66) mostra, em uma síntese contemporânea, que a metáfora conceptual envolve a interpretação de um domínio alvo por meio de um domínio fonte e que uma mesma estrutura conceptual pode realizar-se em diferentes expressões linguísticas. A relevância desses mecanismos, portanto, decorre de seu papel na organização da experiência e não apenas de efeitos estilísticos do enunciado.

Linguagem, cognição e não modularidade

A não autonomia da linguagem constitui um dos pressupostos mais recorrentes na literatura cognitivista. A língua não é tratada como

uma faculdade completamente independente das demais capacidades mentais, porque percepção, memória, atenção, categorização, comparação, perspectivação e raciocínio participam de sua organização e de seu uso. Krebs e Laipelt (2018, p. 83) apontam a não modularização da mente como um elemento fundamental e relacionam esse princípio ao compromisso interdisciplinar da área. Scapolan e Leite (2025, p. 164) reforçam que a linguagem é concebida como profundamente articulada ao funcionamento geral da mente, sendo moldada pelas experiências corporais e pela interação com o ambiente.

A diferença em relação a modelos de autonomia não implica afirmar que qualquer processo cognitivo seja linguístico. O ponto central consiste em reconhecer que os mecanismos mobilizados na linguagem não precisam ser exclusivos dela. Operações como seleção de informação, focalização, comparação, abstração e estabelecimento de perspectiva podem atuar em diferentes domínios da cognição e, ao mesmo tempo, deixar marcas na estruturação linguística. Scapolan e Leite (2025, p. 168-169) apresentam a atenção, a categorização, o alinhamento figura-fundo e a perspectiva como operações relacionadas à construção do significado. Desse modo, as formas linguísticas oferecem pistas para compreender como um conceptualizador seleciona aspectos de uma cena, organiza relações entre participantes e apresenta determinada experiência sob um ponto de vista específico.

> A não-modularidade da mente é um ponto fundamental da abordagem da LC. O cognitivismo clássico de Chomsky preconiza a capacidade inata da linguagem humana desenvolvida em um módulo exclusivo para esse fim na mente do falante. A Linguística Cognitiva, no entanto, aposta em uma perspectiva não modular, em que princípios cognitivos gerais são compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, prevendo a interação de estrutura linguística e conteúdo conceptual. Esse conceito é o que dá embasamento para o realismo corporificado, através do qual se acredita que a natureza peculiar do corpo humano modela suas possibilidades de conceptualização e categorização (KREBS; LAIPELT, 2018, p. 83).

A noção de significado como conceptualização sintetiza parte dessa orientação. Em uma citação necessária para explicitar o conceito, registra-se que, segundo Silva e Batoréo (2010, p. 233 *apud* Krebs; Laipelt, 2018, p. 82), "um dos princípios essenciais em Linguística Cognitiva diz que o significado é conceptualização". A formulação desloca o sentido de uma entidade fixa localizada na palavra para uma atividade de construção e perspectivação. Isso significa que compreender uma expressão envolve considerar o sujeito que conceptualiza, os conhecimentos mobilizados, o contexto e os aspectos da experiência selecionados como relevantes. O significado emerge, portanto, da relação entre estruturas linguísticas e operações cognitivas, e não de uma correspondência automática e invariável entre forma e realidade.

Em uma formulação recente, Scapolan e Leite (2025, p. 164) afirmam que “a linguagem está profundamente interconectada com as outras capacidades cognitivas e com o funcionamento geral da mente humana”. Trata-se de uma citação direta curta que condensa um princípio central da área. A consequência analítica dessa afirmação é expressiva: para explicar categorias lexicais, padrões gramaticais, metáforas, construções ou estratégias discursivas, torna-se legítimo investigar de que modo percepção, atenção, memória, experiência e conhecimento de mundo participam do fenômeno. Ao mesmo tempo, evita-se considerar a língua mero reflexo passivo de processos cognitivos, pois a própria linguagem também organiza, estabiliza e torna compartilháveis formas de conceptualização.

Experiência, corporeidade e cognição situada

A hipótese da corporificação é um dos fundamentos que distinguem a Linguística Cognitiva de concepções nas quais a razão seria essencialmente abstrata e independente da experiência sensório-motora. A construção conceptual é compreendida em relação às possibilidades e às limitações de um corpo que percebe, se movimenta e interage em ambientes físicos e sociais. Feltes (2020, p. 385-386) mostra que a conceptualização pode ser entendida como configuração multimodal relacionada à percepção de pessoas e objetos, ações, estados corporais, emoções, operações cognitivas e cenários. Nessa

perspectiva, experiências reiteradas podem estabilizar padrões de interpretação e tornar determinadas inferências mais disponíveis em situações futuras.

A corporificação, contudo, não deve ser entendida como determinação biológica simples. O corpo que participa da cognição é um corpo inserido em ambientes e práticas sociais. Feltes (2020, p. 386-388) destaca que a noção de grounding foi ampliada para contemplar a ancoragem do significado não apenas em estados corpóreos, mas também no ambiente, nas situações, nas interações e na participação comunitária. Isso impede que o experiencialismo seja confundido com uma explicação exclusivamente sensório-motora. A experiência corporal é sempre vivida em condições históricas e culturais específicas, razão pela qual diferentes comunidades podem selecionar, organizar e convencionalizar aspectos distintos de experiências semelhantes.

Vereza (2016, p. 561-564) desenvolve argumento semelhante ao analisar a relação entre cognição e sociedade. Para a autora, representações como frames, modelos cognitivos e metáforas conceptuais são ancoradas tanto em experiências sensório-motoras quanto socioculturais. A cognição corporificada, portanto, não se opõe à dimensão social; ao contrário, ambas se entrelaçam na construção dos sentidos. Essa formulação é importante porque corrige leituras segundo as quais o corpo seria uma base universal suficiente para

explicar todas as conceptualizações. Ainda que determinadas experiências físicas ofereçam regularidades relevantes, sua interpretação, sua saliência e sua expressão linguística podem variar de acordo com práticas culturais e modelos compartilhados.

> Conceitos de base da LC, como o de metáfora conceptual, frames, esquemas imagéticos, protótipos, MCIs e até mesmo o de construção gramatical se referem às representações cognitivas [...] que formam a base de nosso sistema conceptual, ancorando e promovendo a conceptualização da experiência. Como essas representações, por sua vez, emergem das experiências tanto sensório-motoras quanto socioculturais, a mente, nessa perspectiva, não pode ser vista como estando separada do corpo, da língua e do mundo. Nesse sentido, a cognição corporificada é sempre situada em um contexto sociocultural (Vereza, 2016, p. 564).

A corporificação contribui também para a explicação de esquemas imagéticos. Tais esquemas correspondem a padrões abstratos derivados de recorrências da experiência corporal e perceptiva, como trajetórias, contêineres, verticalidade, ciclos e relações entre parte e todo. Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 9-10) mostram que frames complexos podem herdar esquemas mais básicos e combiná-los com conhecimentos culturais. O frame de uma unidade temporal, por exemplo, pode articular um esquema cíclico com convenções de organização social. A significação resulta, assim,

da interação entre estruturas de diferentes níveis de especificidade, e não de uma única representação isolada.

A experiência corporificada também ajuda a explicar por que o significado não é puramente arbitrário. Em diferentes graus, estruturas linguísticas podem apresentar motivações decorrentes de semelhança, contiguidade, esquemas espaciais ou padrões de interação. Nunes (2019, p. 29) mostra que determinados sinais da Libras apresentam motivações metafóricas relacionadas a esquemas imagéticos de ciclo e escala, associando orientação espacial à construção de significados abstratos. Costa (2023, p. 88-90) discute, em outro nível, a influência da iconicidade na constituição de configurações de mãos. Tais análises evidenciam que motivação e convencionalização não são termos excludentes: um sinal pode apresentar relações perceptíveis com a experiência e, ao mesmo tempo, integrar um sistema linguístico historicamente compartilhado.

Categorização, prototipicidade e conhecimento enciclopédico

A categorização é um processo central para a Linguística Cognitiva porque permite compreender como os sujeitos organizam a multiplicidade da experiência em classes relativamente estáveis e comunicáveis. Em modelos clássicos, uma categoria tende a ser definida por propriedades necessárias e suficientes: todos os membros deveriam possuir os mesmos traços essenciais, e as fronteiras entre

categorias seriam nítidas. A literatura cognitivista questiona essa homogeneidade. Krebs e Laipelt (2018, p. 84) explicam que os estudos cognitivos evidenciam membros mais centrais e mais periféricos, sugerindo que a pertença categorial pode apresentar gradações. A categorização passa, assim, a ser vista como atividade que combina semelhança, experiência, saliência e contexto.

A teoria dos protótipos aprofunda esse quadro ao reconhecer assimetrias internas. Certos membros funcionam como exemplos mais representativos, enquanto outros ocupam posições mais periféricas. Gerhardt (2003, p. 25-26) enfatiza que o conceito de protótipo modificou a visão tradicional de categoria ao questionar a igualdade de estatuto entre seus integrantes e a precisão de suas fronteiras. Krebs e Laipelt (2018, p. 89-90) mostram que efeitos prototípicos foram produtivos para o estudo das categorias linguísticas e da polissemia, justamente porque permitem explicar graus de representatividade. A existência de um membro central não significa, porém, que ele seja a causa única da categoria; trata-se de um efeito de organização que deve ser relacionado aos conhecimentos e às experiências que estruturam a classe.

Essa concepção está diretamente relacionada ao conhecimento enciclopédico. Se as categorias são construídas a partir de experiências e modelos de mundo, o significado lexical não pode ser isolado do conhecimento que os falantes possuem sobre práticas, objetos,

relações e instituições. Krebs e Laipelt (2018, p. 85) observam que a Linguística Cognitiva questiona a separação rígida entre significado semântico e informações dependentes do contexto, considerando o conhecimento dicionarístico uma subparte de um conhecimento enciclopédico mais amplo. Chishman (2016, p. 550) acrescenta que a compreensão lexical envolve conhecimentos que extrapolam propriedades mínimas de diferenciação entre entidades. O significado torna-se, desse modo, uma porta de entrada para regiões de uma estrutura conceptual complexa.

> São considerados centrais para a Linguística Cognitiva os seguintes aspectos: a) a centralidade do estudo das estruturas conceptuais; b) o motivacionismo semântico da gramática; c) a diluição de dicotomias como semântica/pragmática, significado linguístico/significado extralinguístico e sentido literal/sentido figurado; d) o compromisso com o experiencialismo; e e) a visão enciclopédica do significado. No que tange à relação entre cognição humana e linguagem, a Linguística Cognitiva se afasta da perspectiva de modularidade da mente e defende o pressuposto de que a linguagem está intrinsecamente relacionada com os demais módulos cognitivos (Chishman, 2016, p. 550).

No plano linguístico, essa flexibilidade contribui para compreender a relação entre léxico e gramática. Estruturas que parecem pertencer a classes claramente separadas podem apresentar graus de convencionalização, esquematicidade e produtividade. Basilio (2016, p. 92-95) observa, em análise de construções lexicais,

que a perspectiva da Gramática Cognitiva admite um contínuo entre léxico e gramática, categorias não discretas e a participação do conhecimento enciclopédico na interpretação. Ainda que seu estudo se concentre em compostos do português, a discussão ilustra um princípio mais geral: fronteiras teóricas rígidas podem obscurecer fenômenos graduais cuja explicação depende das relações entre forma, sentido e uso.

Em síntese, prototipicidade, radialidade, semelhanças familiares e conhecimento enciclopédico convergem para uma concepção dinâmica das categorias. O que pertence a uma categoria, o que ocupa posição central e quais extensões são consideradas naturais dependem de experiências corporais e culturais, regularidades de uso e processos de convencionalização. Essa visão substitui a ideia de limites universais e imutáveis por uma investigação das motivações cognitivas que tornam as categorias inteligíveis aos falantes. Ao fazer isso, a Linguística Cognitiva oferece um modelo particularmente produtivo para analisar variação de sentidos, polissemia, mudança lexical e fenômenos nos quais os limites entre classes são graduais ou contextualmente negociados (Gerhardt, 2003, p. 25-26; Krebs; Laipelt, 2018, p. 89-90).

Conceptualização, frames e espaços mentais

A conceptualização ocupa posição central na teoria cognitivista porque o significado é compreendido como construção de uma cena sob determinada perspectiva. O falante não simplesmente recupera um conteúdo fixo: seleciona, organiza e enquadra informações a partir de conhecimentos estabilizados e das necessidades do evento comunicativo. Essa atividade envolve diferentes graus de esquematicidade e pode mobilizar estruturas de memória mais estáveis e representações locais construídas no discurso. Scapolan e Leite (2025, p. 165-166) descrevem os espaços mentais como estruturas temporárias que permitem organizar informações e possibilidades durante a comunicação, ressaltando sua relação com frames, esquemas imagéticos e projeções metafóricas e metonímicas.

Os frames constituem uma das ferramentas mais importantes para descrever o conhecimento de fundo ativado pelas expressões. Chishman (2016, p. 550-551) explica que um frame pode ser compreendido como uma esquematização da experiência depositada na memória e organizada em torno dos participantes de determinada situação. O sentido de uma palavra depende, assim, do sistema de relações no qual ela se insere. Uma unidade lexical evoca uma cena estruturada e perfila alguns de seus elementos, enquanto outros permanecem como plano de fundo. Essa dinâmica permite explicar

por que definições compostas apenas por traços mínimos frequentemente são insuficientes para dar conta da compreensão efetiva.

Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 9-10) mostram que os frames podem combinar esquemas imagéticos, modelos culturais e relações de herança em redes complexas. Uma expressão temporal, uma prática institucional ou uma atividade cotidiana pode evocar estruturas que incluem componentes espaciais, sociais e históricos. Essa concepção dissolve a ideia de que o significado lexical estaria contido em uma unidade isolada. O item linguístico funciona como guia para a ativação de conhecimentos organizados, e a compreensão resulta de inferências construídas a partir desses conhecimentos. É por isso que os autores destacam a dificuldade de manter separações rígidas entre semântica e pragmática ou entre léxico e discurso.

A relação entre frames e perspectiva é igualmente decisiva. Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 10-12) demonstram que uma mesma estrutura pode ser perfilada sob pontos de vista distintos, o que altera a saliência de seus participantes e as relações expressas linguisticamente. A escolha de uma forma lexical ou construção gramatical pode evidenciar um aspecto da cena e deixar outros em segundo plano. Essa propriedade aproxima a semântica cognitiva de uma teoria da compreensão: o objetivo não é apenas determinar condições abstratas de verdade, mas explicar como um falante guia o

interlocutor na construção de uma interpretação rica, contextualizada e perspectivada.

Metáfora conceptual, metonímia e esquemas imagéticos

A metáfora conceptual representa uma das contribuições mais conhecidas da Linguística Cognitiva por deslocar a metáfora do campo exclusivo da retórica para o estudo da cognição. Nessa perspectiva, expressões metafóricas são manifestações linguísticas de relações conceptuais que permitem compreender uma experiência em termos de outra. Costa (2021, p. 65) explica que a metáfora envolve um domínio alvo, geralmente mais abstrato, compreendido mediante um domínio fonte experiencialmente mais básico. Uma mesma metáfora conceptual pode realizar-se por diferentes expressões, o que indica que o fenômeno não se limita à forma lexical de um enunciado, mas participa da organização do sistema conceptual.

A metonímia também é compreendida como mecanismo cognitivo. Em vez de relacionar domínios distintos, ela estabelece acesso conceptual dentro de um mesmo domínio ou de uma mesma estrutura de conhecimento. Basilio (2016, p. 94-95) distingue metáfora e metonímia por esse critério e mostra que os dois mecanismos podem interagir em construções lexicais. Essa interação é importante porque evidencia que as fronteiras entre processos figurativos nem sempre são absolutas. Uma expressão pode selecionar, metonimicamente, uma

zona relevante de um conceito e, a partir dela, realizar uma projeção metafórica para outro domínio. O estudo desses entrelaçamentos reforça a concepção de que a significação é estruturada por operações de acesso, seleção e projeção.

A noção de esquemas imagéticos oferece uma base para compreender parte dessas projeções. Esquemas como contêiner, trajetória, ciclo, verticalidade, força e parte-todo derivam de padrões recorrentes da experiência perceptivo-motora e podem estruturar conceitos mais abstratos. Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 9-10) mostram que frames complexos podem incorporar esquemas imagéticos e articulá-los a modelos culturais. Costa (2021, p. 70) apresenta uma organização em níveis de esquematicidade na qual esquemas imagéticos, domínios, frames e espaços mentais ocupam posições do mais esquemático ao mais específico. A proposta evidencia que a conceptualização pode envolver simultaneamente estruturas de diferentes graus de abstração.

Em línguas de sinais, a relação entre esquemas imagéticos e metáfora pode ser observada de forma particularmente clara pela participação do espaço na articulação. Nunes (2019, p. 29) identifica, em sinais da Libras, motivações metafóricas relacionadas a esquemas de ciclo e escala, mostrando que orientações espaciais podem participar da conceptualização de tempo e de avaliações positivas ou negativas. Tais resultados não significam que a metáfora em Libras

seja meramente visual ou transparente; evidenciam, antes, que mecanismos cognitivos gerais podem se realizar por recursos específicos da modalidade visual-espacial.

Iconicidade, corpo e modalidade visual-espacial

Embora os fundamentos da Linguística Cognitiva tenham sido amplamente discutidos a partir de línguas orais, sua orientação teórica oferece instrumentos importantes para analisar línguas de sinais. A modalidade visual-espacial evidencia a participação do corpo, do gesto, do espaço e da percepção na organização linguística, sem que isso elimine convencionalidade ou estrutura gramatical. Carneiro (2016, p. 119-120) defende a necessidade de observar as línguas de sinais em suas especificidades e relaciona sua organização a processos cognitivos gerais e à experiência corporal. A língua, nessa abordagem, é sistema simbólico por meio do qual acontecimentos são conceptualizados e codificados, e o corpo constitui recurso fundamental nesse processo.

A iconicidade é um ponto de contato particularmente fecundo. Em muitos sinais, aspectos da configuração de mão, do movimento, da localização e da orientação mantêm relações motivadas com propriedades do referente ou com a maneira como determinada experiência é conceptualizada. Costa (2023, p. 88-90) mostra que certas configurações de mãos podem surgir em resposta a demandas

icônico-lexicais e evidencia o caráter imagético das línguas de sinais. A existência de motivação icônica, contudo, não permite considerar o sinal como mera imitação. O valor linguístico depende da convencionalização dentro de uma comunidade e da inserção do item em um sistema de contrastes e possibilidades combinatórias.

Carneiro (2016, p. 120-125) amplia essa discussão ao mostrar que a experiência corporal participa da construção de classificadores e de representações no espaço de sinalização. Movimentos das mãos e do corpo podem representar trajetórias, formas, posições e ações, estabelecendo correspondências entre espaço físico e espaço conceptual. O autor ressalta que tais produções envolvem concepção e reconstrução, não cópia direta do real. Esse ponto é coerente com a Linguística Cognitiva: a iconicidade é mediada por processos de seleção e perspectivação. O sinalizante escolhe aspectos da experiência que serão perfilados e os organiza de acordo com recursos linguísticos e gestuais disponíveis.

Desse modo, a modalidade visual-espacial funciona como campo privilegiado para observar a articulação entre corpo e significado, mas não constitui exceção aos fundamentos gerais da cognição. Ao contrário, evidencia de maneira concreta que os sistemas linguísticos são construídos a partir de recursos perceptivos, motores, sociais e simbólicos. A Linguística Cognitiva oferece uma base para analisar essas relações sem reduzir a língua à representação visual do

mundo e sem ignorar as especificidades de modalidade. A experiência corporal, a iconicidade, a conceptualização e a convencionalização devem ser tratadas como dimensões interdependentes da produção de sentido (Carneiro, 2016, p. 120-125; Nunes, 2019, p. 29; Costa, 2023, p. 88-90).

Síntese dos pressupostos teóricos

A revisão dos conceitos permite sintetizar alguns pressupostos que conferem coerência ao campo. O primeiro é a centralidade do significado: formas linguísticas são estudadas em relação às estruturas conceptuais que evocam e às interpretações que tornam possíveis. O segundo é a não autonomia da linguagem: operações cognitivas gerais participam da organização lexical, gramatical e discursiva. O terceiro é a natureza experiencial e corporificada da cognição: percepções, ações e interações fornecem bases para a construção conceptual. O quarto é a dimensão sociocultural dessa experiência, que impede considerar corpo e mente fora de contextos históricos e comunitários (Chishman, 2016, p. 550; Feltes, 2020, p. 386-388; Vereza, 2016, p. 564).

Esses pressupostos não funcionam como lista independente. A categorização depende da experiência; a experiência é corporificada e sociocultural; frames organizam conhecimentos derivados dessa experiência; metáforas e metonímias projetam e selecionam partes

desses conhecimentos; e as formas linguísticas orientam a perspectivação no discurso. Salomão, Torrent e Sampaio (2013, p. 9-12) demonstram que estruturas conceptuais podem formar redes em diferentes níveis e que a significação depende do enquadramento contextualizado. Costa (2021, p. 70) reforça essa ideia ao apresentar níveis de esquematicidade que vão de esquemas imagéticos a espaços mentais. A compreensão da Linguística Cognitiva exige, portanto, uma visão relacional do próprio aparato teórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permitiu compreender a Linguística Cognitiva como um campo teórico plural cuja contribuição fundamental consiste em recolocar o significado no centro da investigação linguística. Em oposição a explicações que isolam a estrutura formal das demais dimensões da cognição, a abordagem cognitivista interpreta a linguagem como sistema simbólico integrado à percepção, à memória, à atenção, à categorização, à experiência corporal e às práticas socioculturais. Essa orientação amplia o alcance da descrição linguística e torna fenômenos como metáfora, metonímia, polissemia, prototipicidade, iconicidade e perspectivação relevantes para a compreensão dos mecanismos gerais de produção de sentido.

Os conceitos examinados mostraram-se mutuamente dependentes. A conceptualização constitui o processo pelo qual uma

experiência é organizada sob determinada perspectiva; a categorização permite estabilizar classes e relações sem exigir fronteiras invariavelmente rígidas; protótipos e categorias radiais descrevem assimetrias internas; o conhecimento enciclopédico integra informações linguísticas e experiências de mundo; frames estruturam cenas e conhecimentos; espaços mentais organizam representações locais; metáforas e metonímias realizam projeções e acessos conceptuais; e esquemas imagéticos fornecem padrões derivados de recorrências corporais e perceptivas. A articulação desses conceitos confirma que a Linguística Cognitiva não deve ser reduzida a uma única teoria ou a um único fenômeno.

Conclui-se que os fundamentos da Linguística Cognitiva oferecem um quadro teórico consistente para investigar a linguagem como atividade de construção de sentidos. Sua força reside na integração de dimensões frequentemente separadas: estrutura e uso, linguagem e cognição, corpo e cultura, estabilidade e criatividade, conhecimento linguístico e conhecimento de mundo. Ao reconhecer que significar é conceptualizar a experiência a partir de recursos simbólicos socialmente compartilhados, o campo fornece instrumentos para compreender tanto regularidades quanto variações. A continuidade das pesquisas exige precisão conceitual, atenção às evidências empíricas e diálogo interdisciplinar, preservando o princípio de que a linguagem deve ser estudada em relação aos sujeitos

corporificados, às comunidades e às situações em que efetivamente se realiza.

REFERÊNCIAS

BASILIO, Margarida. Metáfora e metonímia em nomes compostos em português: um estudo de construções S-ADJ. **Revista Linguístic**a, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 91-105, jan./jun. 2016. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v12n1a4521. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4521>. Acesso em: 10 jul. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Corpo e classificadores nas línguas de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 118-129, jul./dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.36863. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36863>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CHISHMAN, Rove. Convergências entre semântica de frames e lexicografia. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 547-559, set./dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-4017-160302-0316D. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160302-0316D>. Acesso em: 22 jul. 2026.

COSTA, Daniel Ferreira. Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 88-106, jul./dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.36704/sciasls.v2i2.8275. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/8275>. Acesso em: 28 jul. 2026.

COSTA, Vitor Cordeiro. Níveis de metáfora conceptual na Linguística Cognitiva. **Entretextos**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 63-77, ago./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.5433/1519-5392.2021v21n2.p.63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/42202>. Acesso em: 31 jul. 2026.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Da categorização a modelos culturais: o giro social (cultural) em Linguística Cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 381-400, maio/ago. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-4017-200209-5319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-200209-5319>. Acesso em: 1 set. 2026.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. Teorias e conceitos na lingüística cognitiva (in)compreensões. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, n. 45, p. 21-32, jul./dez. 2003. DOI: https://doi.org/10.20396/cel.v45i0.8637012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637012>. Acesso em: 2 set. 2026.

KREBS, Luciana Monteiro; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira. Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da Ciência da Informação**. TransInformação**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 81-93, jan./abr. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2318-08892018000100007.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/12832>. Acesso em: 4 set. 2026.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins; TORRENT, Tiago Timponi; SAMPAIO, Thais Fernandes. A Linguística Cognitiva encontra a Linguística Computacional: notícias do projeto FrameNet Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, v. 55, n. 1, p. 7-34, jan./jun. 2013. DOI: https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636592>. Acesso em: 5 set. 2026.

SCAPOLAN, Bruno Alexandre; LEITE, Letícia de Sousa. A conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 161-174, maio/ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a67886. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/67886>. Acesso em: 8 set. 2026.

VEREZA, Solange Coelho. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da Linguística Cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0416D15.